



UNICAMP

**EVENTO:** Festival de Campos do Jordão

**VEÍCULO:** O ESTADO DE SÃO PAULO

**DATA:** 19 jul 96

**PÁGINA:** D-4

**SEÇÃO:** CADERNO 2



# Campos do Jordão aposta em intercâmbio



Harolyn Blackwell, que se dedica a descobrir o universo do bel canto: voz comparável à da soprano Kathleen Battle

## Harolyn mostra seu talento

A soprano coloratura se apresenta hoje, às 21 horas, no Auditório Cláudio Santoro

Nascida em Washington, a soprano coloratura Harolyn Blackwell é, hoje, considerada pelos críticos uma das mais refinadas intérpretes líricas. O curioso é que seu nome ainda permaneça quase desconhecido até mesmo entre os apaixonados pela ópera. Alguns chegam a considerar a cantora como a sucessora natural da voz sobrenatural da soprano Kathleen Battle, a quem, aliás, substituiu, no Metropolitan Opera House, de Nova York.

Depois do tradicional começo de toda cantora negra americana, no coro de uma igreja batista, Harolyn venceu todas as resistências racistas e chegou até a Universidade Católica da América, onde se formou em canto. Em 1983, obstinada, foi até a Itália e se apresentou à grande diva Renata Tebaldi que, encantada pelo timbre brilhante e natural da americana, aceitou-a como aluna.

Depois de Tebaldi, Harolyn também estudou com o tenor Carlo Bergonzi, voltando no mesmo ano para os EUA a fim de participar das audições anuais do Metropolitan Opera, onde foi finalista, ao mesmo tempo em que vencia o WGN — Illinois Opera Guild Audition of the Air e o concurso da Puccini Foundation. Mas, e ela adora lembrar-se daqueles tempos, a soprano lírica iniciou sua carreira em plena Broadway, tomando par-

te de uma remontagem de *West Side Story*, de Leonard Bernstein, compositor a quem dedica admiração apaixonada.

Bonita e dona de uma voz extensa nos agudos e cheia no registro médio, Harolyn tem uma boa agilidade vocal, que a torna uma cantora ideal para papéis de coloratura nas óperas de Richard Strauss e também para alguns personagens das obras da fase jovem de Giuseppe Verdi. Ultimamente, Harolyn vem se dedicando cada vez mais a descobrir o universo do bel canto.

**Bernstein** — Ainda assim, a cantora não gosta de abrir mão do repertório moderno e suas melhores performances podem ser ouvidas nos disco *Strange Hurt*, de 1994, no qual canta o *December Songs*, do compositor Maury Yeston. Mas a soprano não esconde que o seu "filho favorito" é o CD dedicado às canções de Bernstein.

Para fugir do stress dos teatros de ópera, Harolyn resolveu se mudar para a ilha paradisíaca de Saint Martin, no Caribe, onde mora com o marido e a filha, e cujo sossego ela só deixa na época dos furacões. Nos recitais brasileiros, a soprano incluiu árias da ópera *Fosca*, de Carlos Gomes. (C.H.)

### SERVIÇO

**Harolyn Blackwell.** Hoje, às 21 horas. Ingressos: de R\$ 20,00 a R\$ 40,00. **Auditório Cláudio Santoro.** Avenida dos Alpes, s/nº, Campos do Jordão, (012) 262-2334

O festival de inverno da cidade, que não abre mão dos tradicionais eventos eruditos, continua com atrações na serra e na Capital, algumas de países da América Latina

CARLOS HAAG

O 27º Festival Internacional de Campos do Jordão entra em sua segunda semana e oferece atrações na serra e em São Paulo para degelar as sensibilidades adormecidas pelo frio. Os eventos deste fim de semana são os mais representativos da nova ordem da direção artística do festival: o incremento do intercâmbio cultural com países latinos.

Nada mais natural, então, que o melhor da programação venha com um gosto picante de tempero sul-americano, como os tambores da Petrotrin Invaders Steel Drums Orchestra, de Trinidad e Tobago, grupo de percussão que leva o público ao delírio com seu som estridente sobre tambores de óleo. Ou, num regis-

tro mais sofisticado, ainda mantendo todo o carisma caribenho, a Orquestra Irakere, regida pelo maestro cubano Chucho Valdés.

Mas o festival, é claro, não pode abrir mão dos tradicionais eventos eruditos. Um dos destaques é o I Solisti Italiani, grupo de instrumentistas de primeira linha que, após uma passagem pelo célebre conjunto Virtuosi di Roma, resolveu, em 1981, formar sua orquestra. Suas melhores performances estão nas gravações feitas para o exigente selo Denon, do ciclo integral dos *Opus 3* e *Opus 6*, de Vivaldi.

Para os fãs do canto, a soprano americana Harolyn Blackwell pode ser conferida em sua apresentação final no Brasil. Vá e ouça se ela merece ser chamada de sucessora de Kathleen Battle.

**SOLISTI ITALIANI É DESTAQUE NA PROGRAMAÇÃO**



A Irakere: som de Cuba unido ao melhor da música internacional

## Chucho Valdés une ritmos

O maestro e a Orquestra Irakere trazem harmonia européia, sons africanos e suas raízes cubanas

O maestro cubano Chucho Valdés e sua Orquestra Irakere aproximam o Brasil e a ilha de Fidel Castro. Ao menos em música, os dois países podem se entender muito bem. Ao menos o som de Cuba sempre foi livre: Valdés desenvolveu a extremos o latin jazz criado por Mario Bauzá, nos anos 60. Aproveite o frio para essa glasnost musical do Irakere, hoje, no Memorial da América Latina, e, no sábado, em Campos do Jordão.

O Irakere nasceu em 1973 e a proposta de Valdés, seu criador, era unir, num festival de ritmos, a música tradicional de Cuba ao melhor da música internacional. Como o próprio maestro já definiu suas sonoridades, a orquestra traz a harmonia européia, os ritmos africanos e as raízes cubanas. O resultado explosivo rendeu ao grupo um Grammy em 1979 e mais de 22 discos gravados, dos quais, infelizmente, apenas *Son Batá* e *Chucho Valdés y el Mejor de la Música Cubana*, ambos da Warner, estão disponíveis no mercado

brasileiro.

Valdés era, quando criança, um apaixonado pela música de Glenn Miller, farta na Cuba pré-revolucionária. Aos poucos, passou dos estudos clássicos de piano para os acordes complexos do jazz, deixando-se influenciar pelo som de Duke Ellington e Count Basie, ao mesmo tempo em que ia a fundo no ritmo de sua ilha natal. Em 1967, fundou, com amigos, a Orquestra Cubana de Música Moderna e, trazendo desse grupo instrumentistas como o genial trompetista Arturo Sandoval e Enrique Plá, partiu para a primeira das muitas formações do Irakere.

Assim como Piazzolla virou o tango de cabeça para baixo, Valdés tomou a música cubana típica dos anos 50, emprestou dela o uso de instrumentos rituais e usou-os num contexto de ritmos enlouquecidos e em meio a muitos metais e uma percussão capaz de balançar o charuto na boca de muito espectador. O Irakere volta a São Paulo após quatro anos e é uma chance única de se entender por que a ilha de Fidel Castro é uma das nações mais musicais do mundo. Repare nos grandes charmes da orquestra: a sua versatilidade e a união perfeita do improviso do jazz e dos tambores bantá iorubas. (C.H.)



A Petrotrin Invaders Steel Drums Orchestra, de Trinidad e Tobago: quando o assunto é ritmo e percussão, os latinos são os maiores

## Petrotrin dá show com steel

O grupo de Trinidad e Tobago é um dos mais importantes do mundo nesse gênero musical

Com um nome enorme e proporcional ao barulho que faz, a Petrotrin Invaders Steel Drums Orchestra de Trinidad e Tobago é mais uma evidência de que, quando o assunto é ritmo e percussão, os latinos são os maiores. Criada em 1937, o Petrotrin Invaders é, atualmente, uma das bandas de steel mais antigas de Trinidad e Tobago, paraíso de ritmos e danças.

A orquestra reúne um grupo de percussionistas fantásticos, capazes de criar sobre tambores usados de óleo (daí o seu primeiro nome, Petrotrin) os ritmos mais endiabrados e complexos, servindo para criar sonoridades metálicas que combinam com qualquer gênero musical, do popular ao erudito. Assim, para espanto de quem espera apenas ritmistas, o Petrotrin Invaders pode se dar ao luxo de acumular um repertório dos mais ecléticos, como o que trazem a Campos do Jordão e à apresentação de São Paulo. Para se ter uma idéia da riqueza sonora do grupo, bastará ouvi-los em composições populares como *Aquarela do Brasil*, de Ari Barroso, *Meditação*, de Tom Jobim, ou na folclórica *Jahaagi Bhai*, de Brother Marvin, ao mesmo tempo em que atacam os eruditos. Estarão lá: o *Aleluia*, de Haendel, o solo da cantata 147, *Jesus, Alegria dos Homens*, de

Bach, o romance para violino, de Beethoven, e o difícil *Finlândia*, de Sibelius.

Pouco tempo após sua fundação, o Petrotrin ganhou o coração do povo de Trinidad e Tobago, sendo eleita a melhor banda a desfilar nas ruas de Port of Spain durante o carnaval. Além disso, por sua excelência rítmica, venceram os preconceitos americanos, pouco afeitos a valorizar os latinos, e foram convidados para ser a primeira banda estrangeira a ensinar os músicos da prestigiosa Banda da Força Aérea Americana a tocar tambores. Isso, em 1959, auge do orgulho nacionalista dos ianques.

Em 1992, graças a um contato constante com as autoridades americanas, o Petrotrin Invaders, sob a regência do maestro Antonio Prospect, fez um concerto bem-sucedido no Lincoln Center, de Nova York, e dois anos depois venceu o primeiro prêmio do Festival Pan Music de Trinidad e Tobago. Programa obrigatório para quem não resiste a uma enxurrada de sons e ritmos.

Neste domingo, o Petrotrin Invaders se apresenta de graça, às 14 horas, no recém-criado espaço do palco externo do 27º Festival de Inverno de Campos do Jordão, na Mantiqueira. (C.H.)

### SERVIÇO

**Petrotrin Invaders Steel Drums Orchestra.** Hoje, às 14h30, na Casa das Rosas. Av. Paulista, 37, (251) 5271. Às 21 horas, no Memorial da América Latina. Av. Mário de Andrade, 664, (825) 9611.